

TRÂNSITO EM ARTE EDUCAÇÃO

Alma Faustino dos Passos¹

RESUMO: O presente artigo tem o intuito de relatar as atividades referentes ao estágio curricular da graduanda do curso de Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) realizado na Fundação Cultural Badesc, que é ligada diretamente a Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina, sociedade de economia mista, de capital autorizado, criada pela Lei nº 4.950, de 11/11/1973 e instalada oficialmente em 26/08/1975. Localizado no centro da cidade de Florianópolis, o edifício tombado pelo estado, outrora antigo casarão de férias da família Ramos, tem o objetivo de promover o desenvolvimento econômico e social do Estado de Santa Catarina. A proposta da fundação caminha junto da democratização da arte e educação, portanto, os seguintes relatos contam as experiências acerca do processo de criação e realização de atividades educativas, partindo de exposições em exibição no espaço e levando em consideração os princípios do campo da museologia relacionados a acessibilidade e multidisciplinaridade.

PALAVRAS-CHAVE: Museologia. Arte. Educação. Mediação.

TRANSIT IN ART EDUCATION

ABSTRACT: *This report aims to discuss the activities related to the internship mandatory curriculum of a museology course graduate, held at the Fundação Cultural Badesc, in Florianópolis (SC). Focuses on the creation and development of educational art, taking into account the variability of audiences and the challenges for building of thresholds that correspond to the themes of the exhibitions: "Raízes Poéticas" and "9 encontros". Monitors the development, application and repercussion processes of activities involving children and young adult classes. Furthermore, reflect on the perceptions and experiences of the groups, considering the individual's relationship with art and the making of art, expanding horizons and perspectives.*

KEYWORDS: *Museology. Art education. Mediation. Teaching.*

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduanda em Museologia. E-mail: almafpassos@gmail.com.

TRÂNSITO EM ARTE EDUCAÇÃO

Introdução

O presente relato de experiência tem como objetivo registrar as atividades de estágio curricular realizadas na Fundação Cultural BADESC (Florianópolis, SC) no período de março a julho de 2024. Foca no desenvolvimento e aplicação de atividade educativa concomitante à exposição presente, levando em consideração o público diverso e a multiplicidade de estímulos que um espaço cultural traz. O processo de criar uma atividade se torna muito plural nesse ambiente de experimentação e, a inovação, por meio da exibição de obras de arte, funciona também enquanto um espaço de aprendizado para todos os públicos. Crianças, jovens e adultos são envolvidos por meio de programações educativas e atividades interativas que estimulam a criatividade e reflexão crítica, transformando visitas em experiências enriquecedoras.

Desenvolvimento de atividades

Esse tipo de abordagem educativa, com base em acervo artístico, é bastante novo em relação às minhas experiências enquanto educadora e mediadora em museu de história, onde a dinâmica de aprender com arte ainda não é tão difundida, mesmo que muitos usem de base quadros, murais, pinturas e imagens. No espaço da fundação, pelo contrário, a arte-educação reina nas dinâmicas de aprendizado, possibilitando-me observar algumas atividades e propostas antes de propor uma própria.

Já no início da pesquisa havia uma exposição sendo finalizada e simultaneamente a ela acontecia um evento da prefeitura denominado “Semana do Livro Infantil”, do qual a fundação fez parte, caracterizando, portanto, uma atividade educativa direcionada à temática do evento, que estava sendo aplicada levando em consideração o acervo.

A proposta educativa é pensada para a exposição “*Raízes Poéticas*”. Essa, traz o que se interpreta pelas “coletas”, realizadas por um conjunto de alunos graduandos do curso de artes visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina, com a intenção de demonstrar quais elementos escolhem levar consigo num trajeto da Casa a Universidade. Sendo assim, nesse percurso coletam coisas, pensamentos, objetos, sentimentos que os tocam e de alguma maneira passam para o mundo das artes visuais

Nessa exposição há uma obra, “Cidade náufraga”, da artista Laura V Malmegrin, que em sua representação, coleta por meio de fotos tiradas na praia, uma espécie de cidade náufraga na areia, focando nos fragmentos de madeira que anteriormente podiam ser alguma construção simples como tendas ou apoios, mas que juntas se assemelham a uma cidade abandonada.

Figura 1: Fotografia “Cidade náufraga” de Laura V Malmegrin.



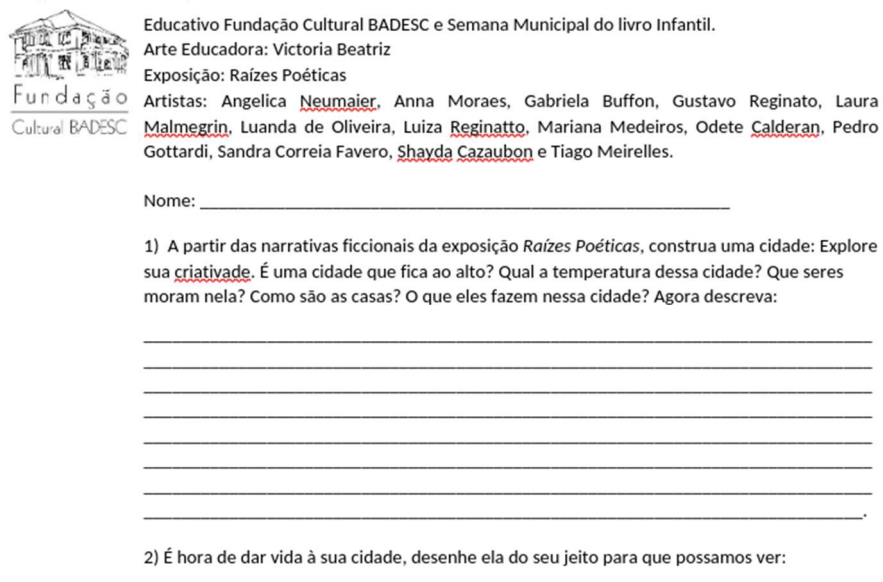
Fonte: acervo pessoal.

Para interligar a obra com a atividade pensada para a semana do livro, a ponte foi uma obra infantil chamada “A cidade que mudou o nome”, de Conceil Corrêa Da Silva e Nye Ribeiro, que conta uma história relacionada ao estilo da cidade e seus habitantes e como isso a afeta diretamente, sendo a cidade um reflexo dos habitantes, causando diversos tipos de mudanças, desde climáticas a comportamentais. O mundo de possibilidades é retratado nesse espaço volátil, instigando os participantes a criarem suas próprias cidades e as representarem de alguma maneira

Ao início da mediação a turma é apresentada e contextualizada à exposição, discutindo muito sobre o que se entende por paisagem e por que observar as paisagens. Nesse sentido, são feitas questões acerca de caminhar, observar, sentir e principalmente coletar, para que se torne compreensível os processos apresentados. Após, o grupo é guiado pelas obras, conversando um pouco sobre o que é trazido por elas, e também sobre como o artista fez aquilo, criando uma reflexão acerca da mente criativa e da individualidade. Aborda-se como é possível para o artista pensar daquela maneira e como todos somos capazes também de interpretar coisas à nossa própria maneira. Tudo isso desperta uma curiosidade muito grande. No fim, foi proposta uma atividade de desenho criativo, referente a criação da cidade, a qual foi desenvolvida também no

mesmo momento, onde as crianças desenham as paisagens que imaginam dentro da sua cidade ideal.

Figura 2: Captura de tela Atividade educativa Raízes Poéticas



Educativo Fundação Cultural BADESC e Semana Municipal do livro Infantil.
Arte Educadora: Victória Beatriz
Exposição: Raízes Poéticas
Artistas: Angelica Neumaier, Anna Moraes, Gabriela Buffon, Gustavo Reginato, Laura Malmegrin, Luanda de Oliveira, Luiza Reginatto, Mariana Medeiros, Odete Calderan, Pedro Gottardi, Sandra Correia Favero, Shayda Cazaubon e Tiago Meirelles.

Nome: _____

1) A partir das narrativas ficcionais da exposição *Raízes Poéticas*, construa uma cidade: Explore sua criatividade. É uma cidade que fica ao alto? Qual a temperatura dessa cidade? Que seres moram nela? Como são as casas? O que eles fazem nessa cidade? Agora descreva:

2) É hora de dar vida à sua cidade, desenhe ela do seu jeito para que possamos ver:

Fonte: acervo pessoal

Ao fim do encontro, todos pareciam bem animados em ter participado e levado sua obra para casa. As trocas que se dão numa mediação artística, aplicando arte-educação, são muito mais complexas do que o transmitir da informação num museu de história. Os contatos refletem situações mais sensíveis, as dúvidas possuem mais camadas e até mesmo os relatos trazem o educador/comunicador para outros lugares. Freire (1997) coloca.

[...] foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação (Freire, 1997, p. 50).

Portanto, é certo que as mediações permeiam interatividades informais que vão muito além do sistemático, principalmente falando na perspectiva de um corpo dissidente que propõe uma mediação. Uma sequência de questionamentos é desencadeada, não limitando-se apenas à narrativa em questão, mas em todas. Mediar é muitas vezes tirar quem está assistindo/participando da sua zona de conforto, para que novas

possibilidades de duvidar, perguntar e até mesmo perceber sejam tangíveis. Com as crianças, muitas vezes é sobre comunicar sem comunicar.

Abrimos um mundo de pensamentos em relação à maneira que alguém escuta, ou, como foi o caso das mediações da Semana do Livro, como você narra uma obra é capaz de criar uma nova percepção na mente de quem observa. Por mais que seja natural enxergar as cidades naufragas, ainda sim a proposição de criar uma nova cidade te tira dessa cidade da praia e te faz pensar em como, onde, quando, e porque sua própria cidade seria de tal jeito. Incentivando a criação por meio de outra obra já existente, permitimos que o espectador compreenda um pouco mais do processo criativo do artista e, às vezes, até desperte o seu próprio processo.

O artista é aproximado ao visitante para compreender mais do que está vendo, modificando a noção do que geralmente é uma galeria/museu, pois agora se tem outra relação com o criador da obra, que partilha com você um processo criativo, mesmo que mais simplificado. Também propõe a realização de desenhar de maneira gráfica uma obra própria, nos estigmas mais tradicionais do que é arte e desenho, o que por si só é uma ferramenta de integração à prática da arte e ao espaço do artista. São diversos pontos presentes, que quando unidos dentro de um espaço de cultura potencializam a mediação.

Há um outro ponto muito importante nesse processo que é propor às crianças a chance de ocupar esse espaço tão sistematizado da “galeria” para desenhar no chão, falar em voz alta, caminhar livremente, se divertir e se apropriar, observando coisas até então completamente sem sentido, que no máximo parecem folhas, pedra, papel ou lixo — como é o caso de uma das obras que mais chamam atenção. Esses elementos, quando juntos, são o cenário ideal para o despertar da criatividade em cada um. O “absurdo” ou o “diferente”, até mesmo o “novo” ou o “idiota”, são sentimentos delicados que podem ser trabalhados de maneira muito ampla e potente, principalmente com o público infantil. O desejo, a repulsa, a vontade ou a curiosidade, toda essa gama de sensações é importante na percepção e criação do imaginário dessas pessoas que estão sendo introduzidas seja ao mundo, ou à área.

Após a conclusão da exposição “Raízes Poéticas”, deu-se início à desmontagem, para que em breve a exposição “9 encontros” tomasse conta do espaço, também seguindo uma lógica da natureza; entretanto, diferente da anterior, verei todos os processos desde o início: projeto, montagem e desenvolvimento de atividade educativa.

Pensando nos processos, já foi imaginado um viés artístico para os públicos, sendo levados em consideração os possíveis carimbos com as faces das folhas e também experiências multissensoriais, usando de ervas e plantas para criar sensações no visitante. A intenção ao propor uma atividade educativa dentro dessa exposição é testar o conhecimento adquirido na observação e vivência no espaço. No âmbito da proposta, o intuito é de ir para o caminho sensorial e criativo, portanto, levo em consideração uma leitura da autora Jessica Gogan acerca do evento “Domingos da criação”, que aconteceu no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro no ano de 1971. Nessa publicação, a mesma relata como foi dada a curadoria das atividades, as quais estavam sob a coordenação do curador Frederico Morais, e como o público reagiu. Tais propostas são todas ligadas ao sensorial e ao criativo, sendo assim a mediação não era para/com uma obra, e sim uma proposta de atividade a fim de provocar um pensamento e, conseqüentemente, motivar a atividade.

A exposição “9 encontros” em seu cerne carrega a conexão da artista com as práticas e conhecimentos ancestrais advindo das comunidades da região amazônica, ribeirinhos e indígenas, principalmente no que se trata da medicina e na inteligência curativa, levando em consideração que para além das receitas utilizando das plantas existem também práticas e maneiras de viver que te proporcionam experiências diferentes. A cosmovisão indígena e as práticas ancestrais foram essenciais para adentrar a floresta amazônica e realizar todas essas buscas, visto que a artista foi guiada e acompanhada de pessoas moradoras da região para que pudessem juntos fazer esse projeto.

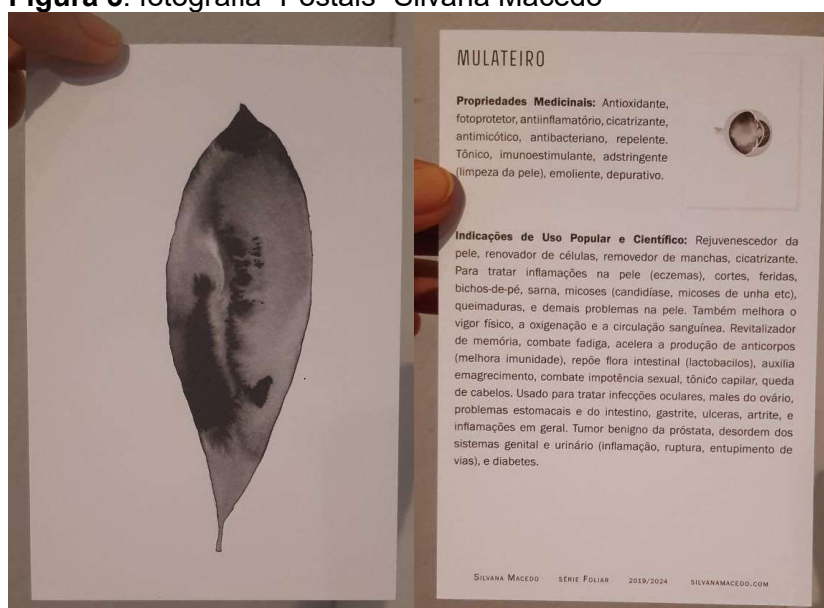
Pensando a aplicação da atividade, é importante que funcione para mais de um grupo etário, de preferência o mais inclusivo possível, portanto, a ideia é praticar a frotagem² com folhas de árvores ou plantas medicinais, para que assim possam lembrar da aparência das plantas e conectar as propriedades curativas. Nesse caso, as plantas disponíveis não vão ser as mesmas citadas pela artista, até mesmo porque são originais do norte do país, entretanto, serão plantas populares aqui na região no que se trata da prática da benzedura e do conhecimento popular. Assim, os participantes são capazes de memorizar nessa experiência quais espécies são utilizadas em diferentes situações. As ervas em questão são: boldo, arruda e espinheira santa.

² O “frottage” (do francês “esfregar”) é uma técnica artística que consiste em colocar uma folha de papel sobre um objeto texturizado. Depois, com um lápis, esfregar sobre o papel para obter as texturas da superfície.

A atividade educativa ocorreu utilizando das obras para que pudessem compreender melhor do que se tratava a narrativa, seguindo o caminho inverso, primeiro criando a dúvida e depois obtendo conversas; assim que o grupo deu a primeira olhada nas obras, tivemos uma conversa sobre o tema que se tratavam as obras. Nesse caso, o poder de cura da natureza e a complexidade do sistema de saberes ancestrais foram trazidos como pautas, e muito bem acolhidas pelo grupo de alunos. O interesse pela pintura e pelos diferentes outros suportes, como o tecido, é nítido, e nessa curiosidade conseguimos estabelecer conexões com o tema, que por si só é um desafio quando se está entre pessoas que são bastante heterogêneas, desde idade até o grau de escolaridade.

No momento que damos início a atividade educativa de frotagem nem todos se sentem seguros o suficiente para participar, muitos acharam que as folhas de papel são para atividade escrita, e ainda não dominavam a prática por completo, mas quando perceberam que era sobre pintar e mexer com plantas se sentiram mais confortáveis e até mesmo pediram pranchetas para participar. Assim que todos os alunos estavam com seu material em mãos expliquei a proposta e como se dava a execução da frotagem, que se assemelha com uma das práticas que a artista propõe com sua obra “postais”, mas ainda sim diferente.

Figura 3: fotografia “Postais” Silvana Macedo

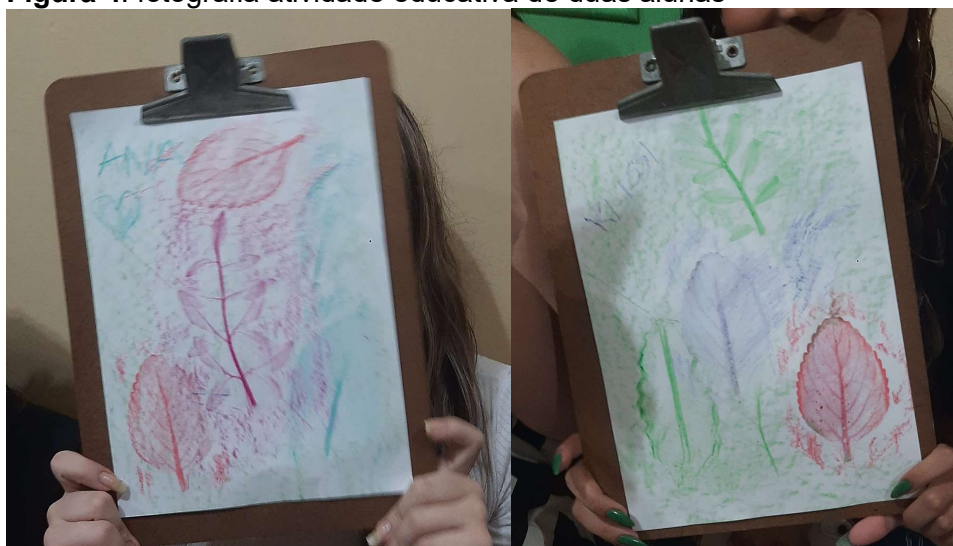


Fonte: acervo pessoalp

Na obra, a artista faz uma espécie de representação da folha que se assemelha muito a uma espécie de carimbo que imprime na página essa imagem. Nesse caso, indiferente do processo aplicado em obra, a semelhança existe e é interessante estabelecer conexões com o que acontece nas atividades e o que é visto nas paredes do espaço.

Começamos a discutir um pouco sobre as ervas presentes na região, a funcionalidade das que estavam ali postas e de muitas outras, então, distribuimos as folhagens que seriam utilizadas, nesse momento todos começam a riscar e pintar, alguns pedindo ajuda, outros conversando sobre as plantas. O momento se tornou uma partilha de saberes junto de uma realização artística. Ao notar o desenho se formando nas folhas, os alunos ficaram muito felizes em ver os detalhes emergindo e um formato bastante realista aparecendo, diversos utilizaram da mesma folha de papel para frotar mais de um tipo de folha e mesclar cores. Dos mais jovens aos mais velhos, todos estavam imersos na atividade, que se tornou algo para além da prática, materializou-se uma troca, uma descoberta de habilidades. Naquele momento todos eram artistas conectados a outra artista que haviam visto minutos atrás e, agora, todos tinham algo muito especial em comum envolvendo essa prática de conhecimento.

Figura 4: fotografia atividade educativa de duas alunas



Fonte: acervo pessoal

No momento final da atividade, a leitura que se tinha por meio de conversas, interações e observações, era de que a maioria da turma havia gostado de participar, levando em consideração todos os percalços, desde o cansaço dos integrantes a suas próprias demandas. Afinal, a turma é constituída de jovens e adultos, com necessidades individuais e que, às vezes, podem não engajar na participação desses processos, o que é completamente natural.

Os princípios da arte-educação dentro do setor educativo da fundação estão diretamente ligados aos princípios de Ana Mae Barbosa, teórica conhecida da área, principalmente no que se entende pela abordagem triangular. A autora propõe que para entendermos do que se trata uma obra precisamos compreender sua história, seu fazer artístico e, por fim, saber valorizar a obra naquilo que ela se propôs. Sempre que as mediações são feitas, o percurso se dá por essa linha, em que elucidamos o que se passa por trás da narrativa da exposição, fazendo conexões com a realidade mais próxima dos públicos para melhor entendimento. Logo depois, comenta-se sobre as técnicas e a importância do sentido da arte enquanto estudo, instigando novas visões sobre o que foi visto e como aquilo se coloca dentro da própria narrativa.

Considerações finais

Mediar uma exposição de arte é uma prática bastante contemplativa, desde seu desenvolvimento inicial com estudo dos acervos até o momento de comunicar a mensagem prevista. Os públicos se comunicam muito mais do que podemos imaginar quando o projeto está sendo programado, principalmente no setor educativo. Desde o princípio é importante levar em consideração a realidade volátil das mediações, que pode ser deveras potente quando não há medo em se trabalhar o conceito construído. Todas as deixas, dúvidas e sentimentos em relação à arte devem ser levadas em consideração, o espectador que contempla a obra de um artista também possui sua própria poética e, ao ver algo novo, tem suas interpretações.

Nesse caso em específico, lidando com arte-educação dentro de um espaço cultural, é bom que deixem as crianças em paz, como coloca Pipano (2019).

Deixar as crianças em paz significa quebrar uma linha reta entre as ações de educadores e as respostas de educandos. Há nesse gesto um verdadeiro silêncio, uma espera, uma falta de intenções que mimetizam o cinema político pautado pela

possibilidade de estar à altura da experiência do outro sem que o espectador seja uma 'vítima' das imagens (Pipano, 2019, p.48).

Desse modo, o fazer ou não sentido, deve ser norteado pelo sentimento. Como posto acima, em relação ao cinema, é necessário estabelecer espaços para que tenhamos o ímpeto de criar, pensar, destruir ou construir pensamentos. Quando falamos sobre as crianças, deixá-las seria dar o tempo necessário para pensarem o que quiserem. Para mediações satisfatórias, devemos levar em consideração partes técnicas e históricas do acervo, priorizando a intersecção entre arte e mundo.

Referências

Raízes Poéticas. 2024. Florianópolis. Exposição de Arte. Fundação Cultural Badesc.

MALMAGRIM, Laura. **Cidade náufraga**. 2024. Fotografia impressa em papel.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 1997.

Domingos de Criação. 1971. Rio de Janeiro. Exposição de Arte. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

9 encontros. 2024. Florianópolis. Exposição de Arte. Fundação Cultural Badesc.

MACEDO, Silvana. **Postais**. 2024. Impressão em papel.